

Suicídio e assédio sexual

Jader de Oliveira

Correspondente

Londres — Os números são absolutamente expressivos. São nada menos que 405 quilômetros de linhas, 274 estações e 465 composições circulando 19 horas por dia. A cada ano, 762 milhões de passageiros — ou seja, 13 vezes mais que a população britânica.

É o metrô de Londres, o *underground* ou *tube*, como é chamado com mais frequência por seus usuários. É o maior e o mais antigo do mundo. A primeira linha — idéia do advogado Charles Pearson — foi inaugurada há quase 133 anos, depois de uma década de debates para avaliar a importância da obra. Os primeiros vagões eram, obviamente, puxados por locomotivas a vapor. A eletrificação começou apenas em 1900. É o maior, mas não é o sistema mais eficiente e o mais limpo do mundo.

Numa cidade cujas ruas não permitem uma velocidade média dos veículos motorizados superior a 30 quilômetros por hora, devido à densidade do trânsito, o metrô é a solução. Há um programa de investimentos para a ampliação da rede, criticado por ficar aquém das necessidades. Para os críticos, as deficiências vêm da falta de verbas do governo para um serviço público tão essencial.

SOLUÇÃO

O resultado recai no bolso dos passageiros, que pagam muito caro para viajar. Os preços das passagens variam de acordo com as distâncias (diferente de Paris, onde há um preço único) e o valor mínimo corresponde, ao câmbio de hoje, a quase 2 dólares (1,10 libra). Em janeiro haverá um novo aumento.

O governo dá 400 milhões de libras (US\$ 660 milhões) todos os anos como ajuda ao transporte público de Londres, mas o dinheiro não é suficiente. A meta é privatizar toda a rede, como estão sendo privatizadas as ferrovias de superfície. Para atrair investidores será necessário, primeiro, tornar o metrô rentável e esta não é uma possibilidade imediata. Consequentemente, os prejuízos são cobertos duas vezes pelo público: pagando passagens caras e pagando impostos ao tesouro.

SEGURANÇA

Com as centenas de milhões de passageiros viajando o ano inteiro, o metrô tem problemas de segurança que são reexaminados e reestruturados com frequência. Essas medidas se tornaram prioritárias a partir do incêndio ocorrido em novembro de 1987. Ele destruiu completamente a estação de King's Cross, que fica na área central de Londres, matando 31 pessoas.

Desde então, fumar passou a ser proibido nas estações ou nos vagões. A segurança é aplicada também nas plataformas e nos vagões para impedir a ação de batedores-de-carteira. Há policiais disfarçados de turistas distraídos que movem uma campanha contra este tipo de crime.

Uma outra campanha da polícia é para combater a molestação sexual, mediante queixas de vítimas.

Tais problemas são típicos de qualquer sistema de transporte de massa do mundo, mas talvez porque o metrô de Londres seja tão grande, eles são foco de maiores atenções por aqui. Casos de queda nos trilhos de passageiros esperando o metrô nas plataformas superlotadas são raríssimos. Suicídios no metrô são menos comuns.